

# ARTE E SAÚDE: QUANDO AS NARRATIVAS PROMOVEM OS ENCONTROS

Débora Kikuti<sup>1</sup>

Sandra Papesky Sabbag<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é contribuir com a ampliação do diálogo entre Arte, Diversidade Cultural, Saúde e Educação para a proposição de práticas cada vez mais colaborativas e promotoras de bem-estar, tendo por foco o trabalho com narrativas das autoras, que valoriza as identidades e as singularidades das histórias das pessoas, para além da vulnerabilidade a que estão expostas na condição de paciente.

\*

## **Nosso encontro ou como chegamos a habitar o universo das narrativas**

Não seria possível um encontro nosso sem antes promover o autoencontro, retomar brevemente o percurso que fizemos para chegar até aqui, conduzidas por um fio da meada comum e facilitador de nosso encontro: nossas narrativas pessoais, elaboradas a partir da experiência de vida.

Interrompemos o fluxo no tempo de agora para retroceder ao tempo de outrora, como afirma Larrosa Bondía (2002), reativando as lembranças das primeiras relações que tivemos com as histórias, como se fizéssemos um mapeamento de nossas identidades para, de volta ao agora, irmos ao encontro uma da outra. E, juntas, apresentarmos a concepção de narrativas na qual fundamentamos nossas práticas na área da Saúde, com o intuito de contribuir com a ampliação do diálogo entre Arte, Diversidade Cultural,

<sup>1</sup> Narradora de histórias, atua em projetos de arte-educação em instituições públicas e privadas e ONGs desde 2000. E-mail: deborakikuti@gmail.com

<sup>2</sup> Professora das disciplinas de Pesquisa Qualitativa em Saúde e Medicina & Narrativa, no Centro de Pós-Graduação do Hospital Albert Einstein. E-mail: spapesky@hotmail.com

Saúde e Educação para a proposição de experiências cada vez mais colaborativas e promotoras de bem-estar.

## **Eu, Sandra**

Se pudesse sentir um cheiro ou sabor ao começar este texto, poderia dizer que sentia as tardes de bolinho de chuva com chá ou qualquer outro lanchinho gostoso, na casa da minha avó materna, enquanto eu fazia a lição de casa para, depois, brincar de escolinha dando aula da lição que eu acabara de fazer. Ah, eu amo desde sempre ser Professora! Coincidência ou não, minha avó faleceu num 15 de outubro, Dia dos Professores, há alguns anos. Mas sinto sua presença como naqueles tempos em que depois do lanche ela me via levar a sério a brincadeira de escolinha e era sempre uma aluna, mãe, avó, ou diretora, dependendo de como a professora conduzisse a brincadeira. Foi também essa minha avó que me presenteou com um gibi da Mônica, o primeiro que consegui ler sozinha!

Por outro lado, minha avó paterna, com mobilidade cada vez mais reduzida pelo avanço da artrose nos joelhos, “viajava” na imaginação comigo, sentada em sua poltrona, e eu ao seu lado, sentada ao chão e abraçada a uma de suas pernas. A gente estava num carro ou num ônibus, olhando da paisagem da janelinha os pastos, o gado, pés de fruta de toda espécie... Cada uma via uma coisa e falava pra outra, que acabava vendo também. A gente viajou muito assim, até para lugares que não conheço presencialmente até hoje, mas que fizeram parte da história da minha avó: a paisagem do Líbano, a escola onde estudou, os vilarejos.

Essas histórias todas mesclavam a vida vivida com suas interpretações possíveis e, por meio delas, aventurei-me cedo no que os livros também poderiam me oferecer. Foi assim que descobri o quanto a leitura e a escrita me lançariam a mundos diversos, mesmo quando os recursos materiais fossem escassos e limitados à satisfação das necessidades mais básicas (vale o “mais” aqui porque as histórias também faziam parte dessas necessidades para mim).

Na verdade, eu comecei, ainda criança, a usufruir de verdadeiras riquezas que nenhum abalo econômico é capaz de afetar: o gosto pelo conhecimento, a valorização do estudo, a sensibilidade e a cultura que a

literatura pode nos ajudar a desenvolver, a gratidão pela história familiar permeada de memórias de guerras, dificuldades, superações, esperança, trabalho, disciplina e incentivo para que filhos, netos e demais descendentes não precisassem passar por problemas antes já atravessados...cresci escutando que “o estudo era tudo”, que “aprender me faria ir longe”, tão longe ao ponto de me manter perto dessas lembranças tão plenas de motivos bons.

## **Eu, Débora**

Cresci em uma família em que as mulheres narravam muitas histórias durante a lida diária. Tudo se dava de maneira espontânea e natural, a partir do encontro: durante as refeições em família, na hora em que a avó banhava a criança menor, estendia as roupas, cuidava da horta ou cozinhava. Era assim que as narrativas de vida abriam espaços internos em mim, inspirando minha imaginação e curiosidade. Casa simples da periferia da cidade de São Paulo, em terreno grande e de terra, para onde a avó trouxe a roça de seu interior, com crianças brincando e jardim florido.

Dona Maria cuidava de todos os netos para que as filhas trabalhassem fora de casa. Irmão e primos, todos juntos. Eu sentia quando minha avó estava prestes a narrar, então me aproximava e ficava ali, apreciando, bebendo aquela história até a última gota.

Conheci poesia plantando girassol, acompanhando seu crescimento, retirando as pragas, observando seu giro em busca do sol. Quando a flor murchava, eu a botava para secar e, depois de seca, a debulhava e a guardava em um vidro para nosso papagaio-louro: ele se alimentava de luz do sol. Os cuidados aprendi com o irmão que chorava comigo embaixo da mesa, mesmo sem saber porque chorava. Descobri a morte quando a avó preparou para o jantar um dos pintinhos amados, que já era galinha.

A nossa casa era sempre cheia e nunca faltava comida e café no fogão e histórias. Quando eu completei nove anos de idade, minha avó anunciou: “hoje quem conta histórias é a ‘Débra’ (jamais soube dizer meu nome). Eu pertencço à uma linhagem de narradores de histórias que existe em minha família e, naquele momento, peguei a palavra e fiz como ensina o povo *Munduruku*: “bote sua palavra pra andar!”. Eu botei.

Foi assim que se deu a formação de meu repertório, com as narrativas de vida e o despertar do universo imagético e poético em minha existência. Essa construção contribuiu para que as narrativas criassem tônus e me acompanhassem bem de perto, em um lugar especial e profundo, até hoje.

### **Narrativas de Vida: matéria-prima para mediações simbólicas significativas**

O trabalho da narração de histórias nos hospitais, levando Arte e Cultura, revela-se como uma tarefa humana de “estar junto” nessa travessia da vida, atuando sempre na “ponte” entre a cura e não-cura do corpo (ainda que esta possa se dar no plano mental ou emocional, por exemplo, como a cura dos medos), entre o nascimento e a morte. Sob risco iminente ou frente à finitude, a vida nos possibilita, quase sempre, a ampliação da nossa percepção sobre ser e estar no mundo.

Neste contexto, contar histórias é escavar camadas de memória, trazer reflexão, conforto, leveza e compreensão, na medida da possibilidade de cada pessoa em sua experiência. Mellon e Ramsden (2010) colaboram com nossa linha de raciocínio:

(...) A contação de histórias é uma arte terapêutica, que pode trazer à tona a sabedoria inata que temos dentro de nós. As histórias nos tornam mais conscientes de nós mesmos como parte da humanidade que sente, cria, ri, chora, é curiosa e corajosa. Juntas, elas têm um efeito cumulativo, ampliando nosso conhecimento interior, nossa compaixão e nossa noção do eu (MELLON; RAMSDEN, 2010, p. 15).

À medida que o atendimento acontece, às vezes colaboradores da Saúde se engajam na participação, escutam com atenção e se manifestam sobre os acontecimentos da história. Quanto aos acompanhantes, normalmente percebemos que participam, e há ocasiões em que acompanhantes de outros pacientes (talvez dos que se encontrem dormindo, ou em estado alterado de consciência – coma – ou ainda levados para algum procedimento em outro local do hospital) vêm a um quarto ou enfermaria. Muitas vezes ocorre também uma participação mais ativa dos pacientes, no sentido de se manifestarem querendo narrar as próprias histórias, revelar suas memórias.

No momento em que uma história é narrada acontece um fenômeno

entre quem narra e a(s) pessoa(s) que escuta(m): estas constroem um espaço único de experiência singular ou o que chamamos de encontro. Se esse encontro é genuíno, porque motivado por uma escuta atenta e capaz de valorizar os protagonistas e suas respectivas histórias, os ruídos externos do hospital – os movimentos e diálogos no espaço da enfermaria ou UTI e até os sons das máquinas de manutenção da vida – não são capazes de interferir na ação, ou seja, não impedem que haja o maravilhamento desse encontro.

Quando estamos certas sobre a intenção do nosso trabalho, compreendemos que o contato com a Arte e a confiança que se estabelece no encontro pode despertar no paciente a necessidade humana de narrar, de contar de si, de trocar experiências, de compartilhar seu “patrimônio pessoal”. E, ainda, revalidar o sentido da sua existência, num momento em que a doença provoca mudanças na vida do paciente e familiares, e a hospitalização aparentemente “paralisa” ou fragiliza a vida (como se esta só acontecesse fora do hospital!).

A nossa atitude de escuta com sensibilidade e empatia permite que o paciente perceba, (mesmo que intuitivamente) que a vida continua ali, temporariamente no hospital. Além de compreender que sua história tem importância e pode servir de alento e esperança a outros, que pode nos ajudar a pensar novos jeitos de valorizar a vida, a refletir sobre nossa relação com o tempo, como vivemos esse tempo com os outros e conosco, sobre o que verdadeiramente importa nesta nossa “relativamente curta” passagem pela Terra.

A diversidade cultural é substância que potencializa a troca durante tais encontros, já que cada pessoa, de acordo com seu repertório de vida e experiência, costuma reconhecer ou acrescentar algo às narrativas. Um barqueiro do Rio São Francisco traz o colorido da vegetação da região, assim como coloca lupa em detalhes que a história conta, porque os conhece. A diferença entre crenças é respeitada na medida em que o conteúdo simbólico das histórias narradas traz sentido para quem as escuta, sem a necessidade de nomear o sagrado. Histórias com seres encantados ultrapassam gêneros e possibilidades de relacionamento com a vida.

Como exemplos de narrativas de Histórias de Vida que podem nos ensinar tantas coisas, narramos alguns a seguir.

Em um hospital da zona leste de São Paulo, um paciente de 67 anos (Clínica Médica) quis nos contar sua história de “conversão a Deus” aos 21 anos e alguns eventos pessoais decorrentes dessa conversão. Sua narrativa foi mediada, delicadamente, por Débora com a história do “Rei Justo” que o fez lembrar e contar para nós, na sequência, a história do “Rei Salomão”. Depois de narrar de si e do personagem bíblico, mostrou-se satisfeito e grato, e disse que queria nos escutar também e ficou muito emocionado.

Ainda nesse mesmo hospital, uma paciente de aproximadamente 30 anos (Maternidade) chorava muito num quarto. Sandra se ofereceu a escutá-la, caso quisesse conversar, ou apenas oferecer seu silêncio e presença, se quisesse companhia. A moça a agradeceu e quis contar sobre sua tristeza e aflição por seu bebê estar na UTI e com um “futuro incerto”. Mais calma e confiante após ter chorado muito e exposto seus sentimentos, perguntou sobre o trabalho que desenvolvíamos e Sandra contou-lhe. Débora aproximou-se e esta mãe, antes tão aflita e chorosa, entrou na (re)criação de sua história de vida, “banhado de estrelas” com Débora, de um jeito sereno e criativo.

É possível observarmos, nestes exemplos, que a escuta sensível da narradora “ancorou” sua atuação posterior quanto à narração. Dar espaço ao outro o predispõe a aceitar o que podemos lhe oferecer também. Isso revela uma comunicação empática, autêntica e respeitosa.

### **Narrativas na área da Saúde: onde todos nos encontramos, até para facilitar despedidas e partidas**

Trazemos também algumas frases típicas que costumamos ouvir dos idosos como: “Ah, eu não gosto de lembrar do passado!”, “Que ‘melhor idade’ é essa que dizem por aí? Olha quantos problemas de saúde!”, “A minha história não tem graça nenhuma” e “Ai, você vai ver quando ficar velho!...Bom se pudesse ter uns 20 anos a menos!”. A cultura do senso comum, com frases deste tipo, circula a ideia de negação da velhice e da morte. A negação de processos vitais – porque estamos envelhecendo e morrendo desde o dia em que nascemos – nos faz sentir (mesmo que não tomemos consciência disso) o medo da morte. Quando, na verdade, talvez o que mais tememos é a solidão e o abandono, resultado dessa negação

coletiva que tem passado de geração a geração, nos fazendo distanciar, psiquicamente, de processos vitais que nosso corpo, biologicamente, vivencia a cada dia.

Em sociedades de tradição oral, as anciãs e os anciões são guardiões sábios e, por meio das histórias narradas constantemente e em voz alta, transmitem conhecimento e são reconhecidos em sua importância. Como nos lembra a narradora e escritora Gyslaine Avelar Matos (2005):

*Hampâté Bâ* chama atenção para não se confundir o sábio com um “especialista”, pois ele é, ao contrário, um “generalista”. A tradição africana, diz ele, não corta a vida em fatias. O mesmo velho terá conhecimento tanto da ciência da terra quanto da água, das plantas, das estrelas, da cosmogonia etc. Trata-se de uma ciência da vida na qual os conhecimentos sempre podem dar lugar às utilizações práticas (MATOS, 2005, p. 92).

Ter a consciência desperta sobre a finitude da identidade terrena, muitas vezes, nos ajuda a mudar o rumo de nossas vidas em tempo de as forças físicas ainda estarem preservadas para realizarmos sonhos, projetos, desfrutar mais a presença de familiares e amigos, fazer uma viagem, praticar atividade física ou ler aquele livro que tantas vezes postergamos para o “tempo da aposentadoria”, um tempo futuro do qual não temos nenhuma garantia. Se não (nos) cuidarmos (e isso requer disponibilidade para o autoconhecimento e tomadas de decisão) e operacionalizarmos também os projetos de curto e médio prazo, vamos deixando tanta vida para um depois que é incerto.

Vale destacar aqui mais um exemplo de experiência com as narrativas. Em um hospital público de São Paulo, Débora entrou em uma enfermaria com três pacientes, já com idade avançada. Depois de algumas apresentações informais, perguntou se eles gostariam de escutar uma história. Dois pacientes animaram-se e arrumaram-se no leito, enquanto o terceiro, com barba branca, abatido e muito calado, continuava deitado, aparentemente sem dor, mas sem demonstrar interesse.

A narração teve início e tratava-se de uma lenda sobre o sono do Rio São Francisco, que dorme em certo dia do ano e, naquele dia, os ribeirinhos precisam fazer silêncio. Enquanto a narrativa se desenrolava, o corpo do terceiro paciente foi demonstrando que alguma coisa diferente estava acontecendo. Seus olhos se abriram, sua fisionomia modificou-se. Sentou-se na cama, gesticulando e interagindo com a narrativa, concordando

com detalhes sobre a vegetação, a paisagem e colaborando com detalhes sobre os costumes de quem vive às margens do Velho Chico. Esse senhor havia sido barqueiro nas águas do Rio São Francisco durante toda sua vida, e narrava com orgulho e alegria a sua própria história. O quarto encheu-se de vida e animação. A enfermeira, que acabara de entrar, não acreditava que via, pela primeira vez, aquele senhor se comunicando e, mais ainda, de uma maneira tão positiva.

Em outro hospital público da cidade de São Paulo, a psicóloga responsável pela clínica médica solicitou que Débora visitasse uma paciente que estava com uma doença em estágio avançado, com um quadro de demência senil e o prognóstico de que ela não retornaria para casa. Assim que a narradora chegou ao quarto, a senhora lhe contou que aquele seria o último dia que ela ficaria internada, porque no dia seguinte voltaria à sua casa e poderia cuidar de seu jardim. Então, Débora disse que não seria preciso esperar, que ela poderia visitar sua casa naquele momento, se assim quisesse, pela imaginação. A senhora aceitou e imediatamente nasceu uma narrativa que foi criando corpo enquanto a senhora imaginava toda a paisagem de sua casa, com seus cômodos, o café sendo coado, o bolo assado, narradora e senhora sentadas nas cadeiras da cozinha, sentindo a brisa que soprava, enquanto contavam causos. Depois de algum tempo, Débora anunciou que precisavam partir. A senhora colheu uma flor de seu jardim e voltaram para o quarto do hospital. Muito agradecida, a paciente disse à psicóloga que estava mais aliviada, porque tinha visitado sua casa, estava tudo bem e que agora ela tinha uma flor de seu jardim ali consigo.

Nesses exemplos da prática, Débora demonstrou colaborar para que o “contador inato de histórias” (MELLON, 2006) emergisse desses pacientes. A narradora “esteve junto” para que a imaginação ganhasse vez e voz, restituindo um “ambiente de saúde” onde até então só havia dor e fragilidade.

Muitas vezes a equipe de colaboradores da Saúde, os acompanhantes de outros pacientes e narradoras de histórias (nos ambientes como a Geriatria ou mesmo nos de longa internação, como no caso daqueles que se encontram à espera de um transplante ou de outra cirurgia) formam laços de fraternidade com os pacientes, laços estes que consagram o amor na sua expressão mais global de querer bem ao outro, como nos lembra Morin (2013):

A verdade do amor é que ele é muito forte, mesmo que não consiga vencer a morte. O que pode não dissolver a angústia de morte, mas pode ajudar a superá-la, reside na inserção do 'eu' vivo no 'nós' da comunidade amada. Comunhão, festa, amor, felicidade instilam o ardor e a poesia que impedem a morte de corroer a vida (MORIN, 2013, p. 377).

A Arte pode acolher nossa vulnerabilidade e nos lembrar, com a ajuda das histórias narradas, de que somos bem mais do que nossos medos, do que nossas dores e sintomas: somos pessoas com História de Vida e até para adoecer é preciso ter uma dose de coragem a mais, para enfrentar os tratamentos, reestruturar as rotinas e estilo de vida, desapegar de coisas, fatos e pessoas, abdicar das vaidades e pequenas manias, e ainda administrar os medos que surgem no emaranhado de incertezas comuns a todos nós, em algum momento da Vida.

### **Considerações Finais deste nosso encontro**

É a atitude de disposição para a escuta sensível que leva o paciente a querer contar de si e querer ouvir do outro (narradora). De modo semelhante, é o que nos faz querer ouvir o outro (paciente) e querer dizer de nós, através da narração de histórias. Nessa comunicação, alternamos os papéis de "Eu" e "Outro" ao falar e escutar, vivenciando a dinâmica da constituição identitária como um processo de afetação mútua e promotor de desenvolvimento para todos os envolvidos numa comunicação capaz de proporcionar esclarecimento e cura. Uma cura que pode bem ser compreendida como uma sensação de bem-estar capaz de fazer a pessoa transcender a condição vulnerável de um período difícil ou de uma doença em progressão. Neste sentido, concordamos com Estés (1999) quanto a deixar:

(...) Que as histórias lhes aconteçam, que vocês as elaborem, que as reguem com seu sangue, suas lágrimas e seu riso até que elas floresçam, até que você mesma esteja em flor. Então, você será capaz de ver os bálsamos que elas criam, bem como onde e quando aplicá-los (ESTÉS, 1999, p. 570).

Afinal, não estariam nas narrativas certos unguentos e poções vitamínicas que acessam dimensões humanas onde a farmacologia e os tratamentos convencionais não alcançam? Assim terminamos semeando uma nova narrativa, um novo encontro.

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência, **Revista Brasileira de Educação**, jan.-abr./2002.

ESTÉS, Clarissa Pínkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MATOS, Gyslaine Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MELLON, Nancy. **A Arte de Contar Histórias**. Tradução: Amanda Orlando e Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MELLON, Nancy; RAMSDEN, Ashley. **Corpo em equilíbrio**: o poder do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais. Tradução: Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Cultrix, 2010.

MORIN, Edgar. **A Via para o Futuro da Humanidade**. RJ: Bertrand Brasil, 2013.